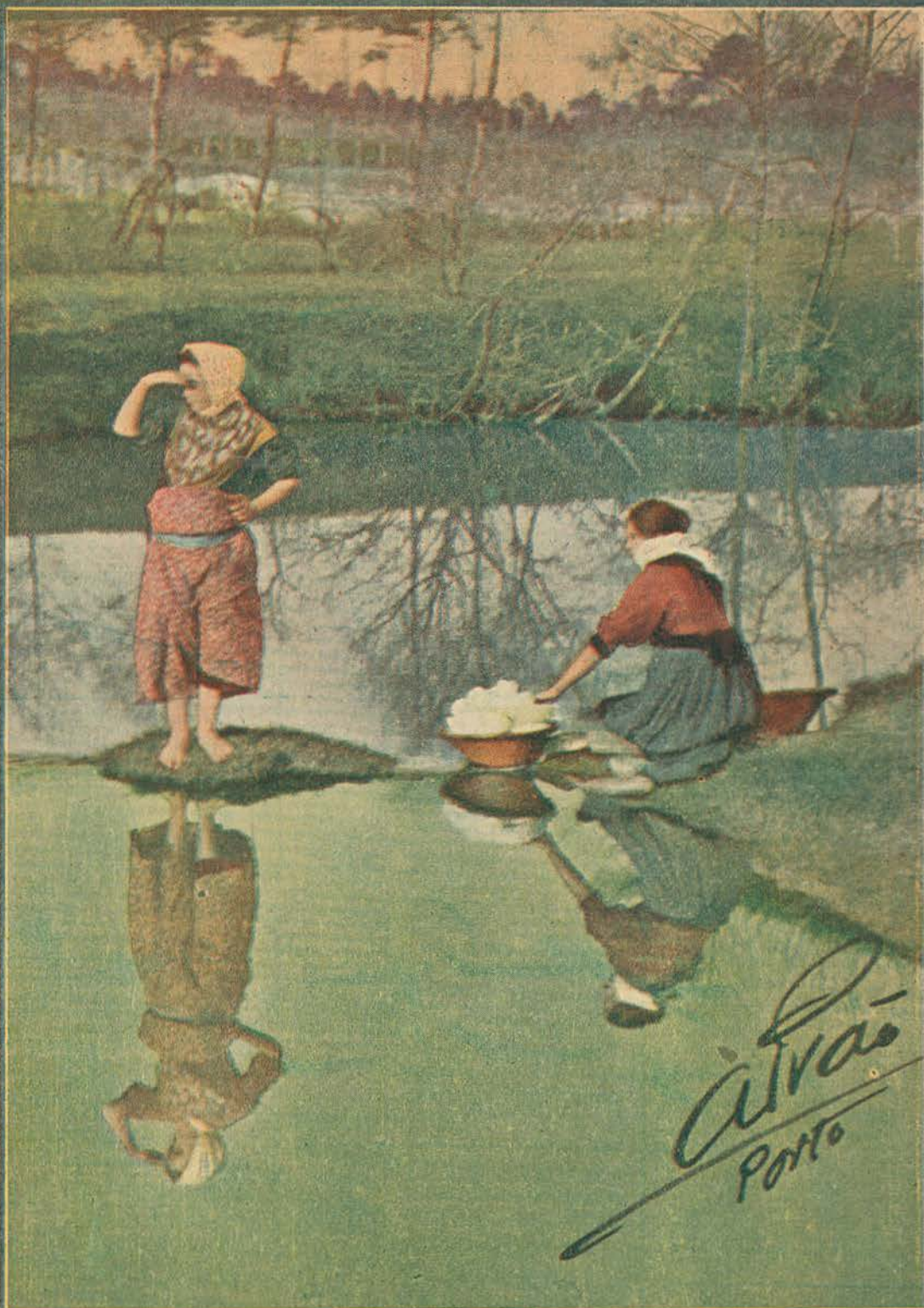




27
Outubro
1923

Ilustração Portuguesa

2.ª SERIE

N.º 923

ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA

Edição semanal do jornal «O SECULO»

Redação, administração e officinas
RUA DO SECULO, 49 — LISBOA

Numero avulso, 1\$00 (um escudo)

Propriedade da SOCIEDADE NACIONAL
DE TIPOGRAFIA

Editor — ANTONIO MARIA LOPES

ASSINATURAS

PORTUGAL, ILHA ADJACENTES E HES-
PANHA: Trimestre 13\$00, semest. 26\$00
Ano 52\$00 — COLONIAS PORTUGUESAS:
Semestre 28\$50, Ano 57\$00. — ESTRAN-
GERO: Semestre 36\$00, Ano 72\$00.

DENTES ARTIFICIAES

Extrações sem dór, corôas
d'ouro, dentes sem placa.

R. EUGENIO DOS SANTOS, 35, 1.º

V. Ex. Está Herniado?

Quer obter uma cura
Completa e Permanente?

Experimente isto Gratis

Aplique-o a qualquer quebra-dura, que
seja antiga ou recente, grande ou peque-
na e logo V. S.ª estará no caminho da
cura. Eis-aqui uma verdade que conven-
ceu a milhares de pessoas.

Se envie gratis como prova.

Roga-se aos herniados, homens, mulhe-
res, crianças, mandarem vir uma amo-
stra deste maravilhoso remedio estimu-
lante que nada lhes custará.

Basta friccionar com este remedio os
musculos ao redor da abertura herniaria
para que seguidamente estes principlem
a pôrem mais duros, até que a abertu-
ra se feche natural e gradualmente e que
em fim, o uso da funda não mais se torna
necessario.

Não olvide pedir este ensaio gratis para
todos.

Se fôr por acaso que a sua quebra-dura
não lhe moleste, isto não é razão para V.
S.ª sempre se expôr ao incommodo da
funda. PORQUE E SOFRER MAIS ESTE
PUNESTO MAU? Porque correr o perigo
da Gangrena? e outros maus semelhantes
provem frequentemente duma hernia, pelo
momento de pouca importancia, mas que
poderá ser das que subitamente deixe a
muitos sobre a mesa das operações.

Ma muitas pessoas que correm diaria-
mente perigos parecidos sem saber-o, jus-
tamente porque as suas hernias não lhes
molestam e que não lhes impedem de fa-
zerem as suas occupações diarias.

Escreva-nos em seguida, enchendo a
cupon abaixo.

GRATIS NOS GASOS DE HERNIA.

W. S. Rice, Ltd., (S. 1221)
8. & 9, Stonecutter St., London, E.
C. 4, Inglaterra.

Sirva-se enviar-me uma amostra gra-
tuita do seu remedio estimulante para
a hernia.

Nome

Direcção

Estado



Dr. Bengué, 47, Rue Blanche, Paris.

Venda em todas as Pharmacias

COMPANHIA DO PAPEL DO PRADO

Sociedade anonima de responsabilidade
limitada

Accções.....	300,000\$00
Obrigações.....	294,220\$00
Fundo de reserva e amorti- sação.....	280,000\$00
Escudos.....	1302,220\$00

SEDE EM LISBOA. Proprietaria das fa-
bricas do Prado, Marianalia e Sobreirinho
(Tomar), Penedo e Casa de Hermio (Lou-
za), Vale Maior (Albergaria-a-Velha), ins-
taladas para uma produção annual de 6 mi-
lhões de quilos de papel e dispondo dos
maquinismos mais aperfeiçoados para a
sua industria. Tem em deposito grande
variedade de papeis de escrita, de impres-
são e de embrulho. Toma e executa prom-
tamente encomendas para fabricações es-
peciaes de qualquer quantidade de papel
de maquina continua ou redonda e de fór-
ma. Fornece papel aos mais importantes
jornaes e publicações periodicas do paiz e
fornecedora exclusiva das mais impor-
tantes companhias e empresas nacionaes—
Escritorios e depositos: LISBOA, 270, rua
da Princeza, 270. PORTO, 49, rua de
Passos Manuel, 51.—Endereço telegraphico
em Lisboa e Porto: Companhia Prado—
N.º telef. Lisboa, 665. Porto, 117.

**A'S MÃES QUE CUIDAM da saúde dos
seus filhos aconselhamos a
Farinha Lactea Cister**, unico alimen-
to completo e que, pelo seu em-
merado fabrico, aliado a modicidade
do seu preço, rivalisa com as es-
trangeiras. A' venda em todas as
mercearias, farmacias e drogarias.
Pedir amostras aos depositarios:

BORGES, MARQUES & C. Lda

R. ARCO BANDEIRA, 159

MELINA

O melhor e mais eficaz

MATA-FORMIGAS

Vende-se em toda a parte.

Depositaros gerais:

Fernandes, Almeida & C., Lt.ª

RUA DO LARGO DO CORPO SANTO, 10, 1.º

Fornecedores dos Restaurants
da Companhia dos Wagens-lits

ARMAZEM DE VIVERES

JOSE DE PINHO COSTA & C.ª (F.ª), Ltd.ª

69, RUA DA BITEGSA, 73

(Primeiro quartelão vindo da Rua Augusta)

Especialidade em pastéis de Belem
e doces de Cascaes

LISBOA

Telephone C. 2861

Bordados & Mobílias
DA ILHA DA MADEIRA
PEROLA DO ATLANTICO
Rua do Loreto, 67

Livros antigos e modernos
COMPRA E VENDE
Livraria Peninsular
79, Rua Poço dos Negros, 79
LISBOA — PORTUGAL

Maquinas de escrever
NOVAS E USADAS

Reparações e reconstruções ga-
rantidas—Acessorios
J. Anão & C., Ltd. R. Figueiros,
376, 2. —Tel. 3536 N.

CASA RUBI
Telefona: Central 3352

ILUMINAÇÃO, HIGIENE
E AQUECIMENTO

12) — R. dos Retrozeiros — 122

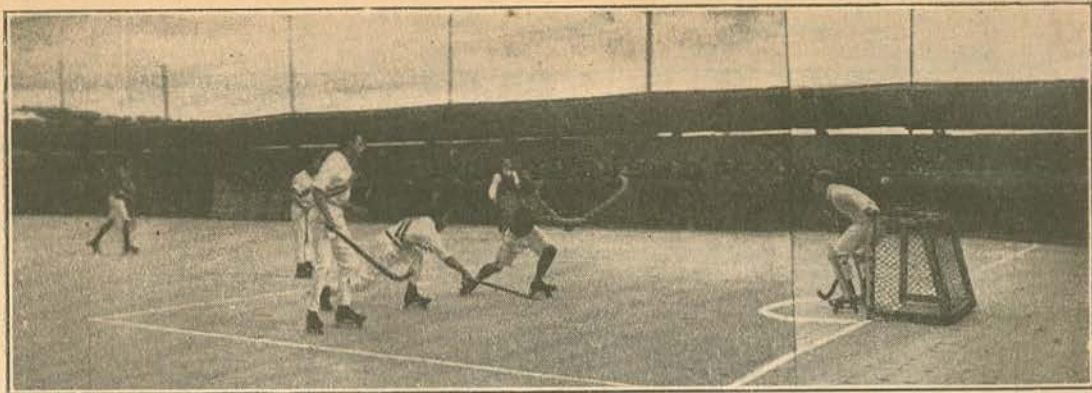
RELOGIOS DE PAREDE

Acabam de chegar da marca Soleil e
Radium. Despertadores de fantasia de
Babys. Fournitures e ferramentas para
relojoeiros, ourives e gravadores.

GRANDE SORTIDO

Cotrins & Afonso, Ltd.
R. da Prata, 173—R. 31 Janeiro, 145
LISBOA PORTO

Trabalhos tipograficos
Rua do Seculo, 49 — LISBOA



Uma fase do desafio de hockey, no domingo ultimo

TODOS OS "SPORTS"

NO Campo Grande efectuaram-se no ultimo domingo dois desafios entre grupos que disputam a segunda divisão do campeonato da Associação de Foot-ball de Lisboa.

No primeiro encontro defrontaram-se o Victoria Foot-ball Club de Setubal e o União Foot-ball de Lisboa.

Os dois grupos entram no campo com a seguinte classificação:

Victoria: guarda-rêde, Ernesto Viegas; defesas, Manoel Martinho e Francisco Silva; medios, Augusto José, Matias Carlos e Izidro Rufino; avançados, J. Nunes, Armando Silva, Octavio Cambalacho, João dos Santos e Antonio Casaca.

União: guarda-rêde, Carlos Silva; defesas, João Duarte e Claro Duarte; medios, J. Maria Rodrigues, Antonio Flores e Antonio dos Santos; avançados, Mario Pereira, Liberato dos Santos, Julio Filipe, José Alves e José Nunes.

O jogo começa com entusiasmo, principalmente da parte do União que chega frequentes vezes a dominar a situação.

Passados os primeiros momentos o jogo cai numa monotonia fatigante até que aos 34 minutos o União consegue o seu primeiro *goal* devido ao seu meia esquerda.

Cinco minutos depois o União marca novo *goal* devido ao mau trabalho da defesa Setubalense.

A primeira parte termina com este resultado 2-6 a favor do União.

No segundo tempo nota-se certa reacção nas linhas do Victoria. Com efeito, aos cinco minutos de jogo o grupo de Setubal marcava o seu primeiro *goal*, e poucos momentos depois conseguia o empate.

O jogo desenvolve-se agora com mais energia e ha mesmo melhores faças da *assottation*.

Até ao final o Victoria ainda marcou mais duas bolas o que lhe deu uma brilhante victoria por 4 pontos a 2. A arbitragem de Rebelo da Silva foi regular.

—Realizado o jogo Victoria-União entram no campo o Carcavelinhos Foot-ball Club e o Portugal Foot Club tendo nas suas linhas os seguintes elementos:

Carcavelinhos: guarda-rêde, Mario Bento; defesas, Carlos Alves e Antonio Ribeiro; medios, Daniel Vicente, Filipe Duarte e Antonio da Conceição; avançados, Alfredo Rodrigues, Teixeira Mendes, Carlos Canuto, Carlos Domingues e Manoel Rodrigues.

Portugal: guarda-rêde, Vieira Alves; defesas, Raul Reis e José Constantino; medios, Guilherme Pessoa, José do Vale; avançados, Bento Gonçalves, Anibal Cabrita, Jaime de Matos, João de Oliveira e Julio Pacheco.

Todo o jogo constituiu um enorme dominio do Carcavelinhos sobre o seu adversario, que, contudo, jogou com um pouco de infelicidade.

Ao concluir a primeira parte o Carcavelinhos tinha no seu activo nada menos do que quatro bolas, enquanto que o Portugal apenas havia conseguido marcar uma.

Na segunda parte o jogo conserva a mesma feição notando-se, no entanto, maior serenidade no jogo do Portugal, que mesmo assim esteve em inferioridade.

O Carcavelinhos marcando mais 2 *goals* elevou o seu *score* a 7 pontos. O Portugal ainda marcou dois *goals* o que traz para resultado final do encontro a esmagadora victoria do Carcavelinhos Foot-ball Club por 7 bolas a 3.

Arbitrou o sr. Salvador do Carmo, que nem sempre está ás alturas do seu cargo.

—A final do campeonato do Lisboa de Hockey tem estado difficil de decidir. Como se sabe a Liga Portuguesa de Hockey não homologou a ultima victoria de Hockey Club de Portugal sobre o Sport Lisboa e Benfica pela qual aquele club ficava definitivamente detentor da Taça Lisboa Gimnasio Club. Assim novo desafio foi jogado no ultimo domingo, não se chegando, porém, a decidir nada, pois o resultado foi um novo empate, mesmo depois de prolongado o jogo por mais 20 minutos.

O jogo de domingo foi energico. Houve fases violentas, porque o hockey é um jogo violento, no entanto os vermelhos excederam-o por vezes.

Ao começar os dois grupos apresentavam a seguinte constituição,

Hockey Club: Dias de Souza, Evaristo Marques, Magalhães A. Silva.

Sport Lisboa: Ilidio Nogueira, Antonio Adão, José Carlos, José Prazes e Antonio Adrião.

No primeiro tempo nenhum dos grupos consegue marcar.

No segundo, cada um dos grupos consegue um bola. E' o Hockey o primeiro a marcar, por intermedio de Magalhães, que aproveitou bem uma oportunidade depois de ter perdido muitas.

O Benfica marcou por intermedio de José Carlos.

No tempo suplementar nenhum dos grupos conseguiu marcar, concluindo, pois, o jogo, com um novo empate.

E' para salientar a correcção dos homens do Hockey tanto no que diz respeito a lealdade como ao bom jogo desenvolvido.

—No campo da Marinha, em Cascaes, correu-se no ultimo domingo a mais importante prova hipica da actual época, o *Grande Premio da Marinha*.

A corrida, que se efectuou num percurso de 3500 metros, foi ganha por Barroso da Camara, no *Supper*, que foi imensamente aplaudido.

Nas outras corridas houve os seguintes resultados:

Conde Casal Ribeiro, 1500 metros, 1.º Luiz Margalide, no *Adall*.

Conde de Fontaiva, 2400 metros, 1.º Almeida Ribeiro, no *Fintsher*.

Frear, 1800 metros, 1.º Filipe de Vilhena, no *La maior*.

A. A. A.



Silva Poetica

FASCINAÇÃO

Silencio. Em torno sangra a carne viva
das rosas de um vermelho voluptuoso...
O luar, atravez os ramos, criva
o chão de um rendilhado luminoso.

Dansas. Coleante, languida, lasciva,
enches a noite de volupia e gôso...
Salomé da Judeia rediviva
quem será teu Baptista venturoso?

Garça humana, em teu corpo esguio e langue
o luar ora adormece, ora flutua
como os olhares dum tetrárca exangue...

— Que bom morrer agora á luz da lua!
Morrer mas vendo tinta do meu sangue
a tua carne adolescente e nua!

JORGE RAMOS.

O Lar

A BIBLIOTECA DO LAR

Só quem tenha experimentado a sensação, pode avaliar o prazer que se sente ao ver uma ideia acarinhada ha muito merecer palavras de encorajamento e apreciação, quando lançada a publico. Esse enorme prazer sentio-o eu com as duas cartas que já recebi uma de Aveiro, outra de Lisboa, animando-me na minha iniciativa de ajudar a formar a biblioteca das minhas leitoras. A primeira carta em que se me pede para dirigir as leituras de uma menina de 17 anos suggeriu-me algumas reflexões.

Pode seguir-se sempre uma mesma norma ao dirigir a educação literaria de uma menina?

Não, evidentemente. O que beneficia um caracter sentimental e sensível prejudicará com certeza um temperamento frio e arido. A natureza affectuosa pede indicações diversas das dadas ás naturezas indifferentes. Portanto, quando se pensa em cultivar uma intelligencia, querendo educar ao mesmo tempo o moral, é preciso, antes de mais nada, conhecer o feitiço, e a educação da pessoa de quem nos vamos ocupar.

A primeira vista se comprehende que, tratando-se de meninas que tenham lido á vontade folhetins de jornal, novelas e romances, poderemos pôr de parte preocupações excessivas, limitando-nos a educar-lhes, pela escolha das obras e dos auctores a intellectualidade e o moral, sem recar ensinar-lhes a vida antes de tempo.

Se, pelo contrario, ella tiver tido uma vida intellectual muito recatada e pura, será necessario dosear-lhe com muito cuidado a sciencia do bem e do mal, para que ao seu primeiro encontro com o realismo da vida, ella não fuja espavorida e maguada numa sensação desoladora de nójo.

Na impossibilidade de conhecer todas as minhas leitoras eu limitarei as indicações de maneira a servir sempre a esta segunda categoria reservando uma semana no mez para indicar alguns nomes de livros que, podendo ser lidos por toda a senhora mesmo a mais honesta e séria não deve contudo ser deixado entre mãos de meninas muito novas, excepto as da primeira categoria, que assim terão ensejo de ler livros preciosos pelo seu valor literario, sem ter de confessar que... são já tão sapientes!

E' preciso que os paes não se assustem com o nome dos auctores que ponho nas minhas listas; ha quem no meio de muitas obras imorais e até perversas, tenha semeado algumas paginas de tão castas e puras que até os anjos as poderiam ler. E quem sabe se no dia do Ultimo Juizo poucas palavras não bastarão pela sua intensa luminosidade a fazer pender a balança da Justiça Eterna para o lado da indulgencia.

Como exemplo apresento-lhes o «Príncipe Felis» o «De Profundis» e a «Casa das Romãs» de Oscar Wilde; as «Ultimas Paginas» de Eça de Queiroz; o «Livre de mon ami» de Pierre Nozière; «Le Petit Pierre», «Le Crime»; de Silvestre Bonnard «De Anatole France» e «Lettres á Françoise» «Lettres á Françoise mariée» Lettres á Françoise mameau», de Marcel Prevost.

Todos estes livros podem e devem ser collocados em lugar de honra na estante da menina mais pura e recatada. E terminando, deixem-me

aconselhar áqueles que me leem e que desejam ver as suas filhas, educadas como catolicas, vivendo no mundo quer solteiras, quer tomando ali o seu lugar de mães e de esposas, que lhe metam entre as mãos o bello livro de S. Francisco de Paula «Introdução á vida devota». Só podem elevar as almas as palavras do santo que resumiu os deveres da mulher cristã no seu delicioso aphorismo: «Um santo triste é um triste santo».

UMA DECORAÇÃO ECONOMICA

Mais uma vez venho demonstrar com a minha gravura quanto se pode fazer em sentido decorativo com chitas e outras fazendas baratas. O caso é haver criterio na escolha. Com um pedaço de chita em que se destaquem flores grandes, podendo recortar-se, arranjaríamos uma decoração economica e bonita.

Para que a casa não fique muito sombria deve escolher-se uma chita mais rala pois como não é necessario lavá-la frequentemente, não ha, o inconveniente de se estragar muito depressa e assim a cortina não interceptará demasiado os raios de sol e o quebra luz não quebrará em excesso a claridade.

Peço-lhes, minhas senhoras, que observem o vaso raro que está no meio da meza.

São a grande moda, esses recipientes baixos, nos quais apenas se deixam flutuar umas tres ou quatro flores.

Permite-nos admirar melhor a beleza de cada uma em particular, não acham?

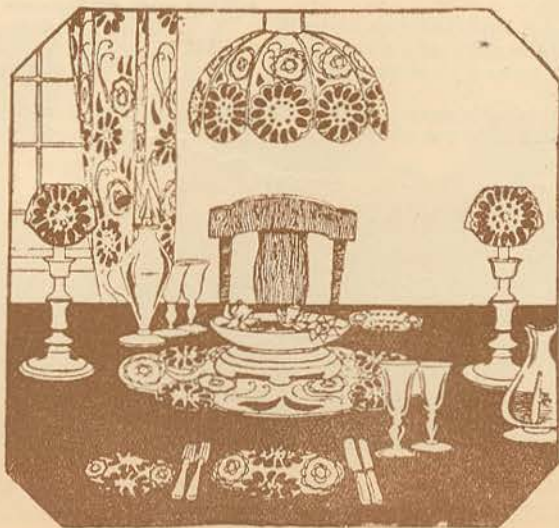
E depois, é uma variante... e a variedade deleita.

CRISTAL DE VENEZA

As palavras *Cristal de Veneza* evocam ante os nossos olhos objectos frageis, delicados, maravilhosamente graciosos. Desde o seculo XIII que Veneza se tornara celebre pelos seus cristais. O monopollio do vidro foi conservado nessa republica atravez muitos seculos, pelo cuidado com que se guardou o segredo do seu fabrico, chegando-se a condemnar á morte quem fabricasse vidro sem estar para isso autorizado pelo governo.

Para melhor se resguardar as fabricas de olhares indiscretos, reuniram-se todas numa mesma ilha, e ali, retirados e atentos, milhares de homens creavam Beleza.

A este cristal, muito



MENÚS DA SEMANA

Domingo

Almoço

Arroz de bacalhau
Frituras de maizena
com ovos
Café com leite

Jantar

Sopa de pão
Cosido e arroz
Carne assada
com batatas sopradas
Doce de pêro

Segunda feira

Almoço

Pasteão de batata
Costoletas panadas
Cacau

Jantar

Sopa de tapioca
Peixe cosido
com molho d'ostras
Carneiro assado
com rodas de batata
Sopa dourada

Terça feira

Almoço

Feijão branco
com chispe
Bifes de cebolada
Café ou chá

Jantar

Sopa de crème
japonês
Croquetes de arroz
com molho branco
Vitela recheada
Pudim de tapioca

Quarta feira

Almoço

Carapau lido
com salada
Bifes surpresa
Café com leite

Jantar

Sopa de macarronete
Feijão verde guizado
com carne
Coelho estufado
Copos de banana

Quinta feira

Almoço

Sardinha de caldeirada
Presunto com espinafre
Cacau

Jantar

Sopa juliana
Elrós guizado
Vaca á jardineira
com arroz á italiana
Aletria de leite

Sexta feira

Almoço

Frituras de feijão
verde
Bifes na grelha
com batatas saltadas
Chá ou café

Jantar

Sopa de queijo
Linguado á serrana
Galantina de vitela
Café com leite

Sabado

Almoço

Corvina cosida
com molho branco
e azeitonas
Passarinhos de canapé
Cacau

Jantar

Sopa d'ovos
Mayonnaise de camarão
Mãosinhas de carneiro
guisadas
Farofus

um maior pratico muito maior. Em tudo que nos cerca, o espirito comercial deixa a sua garra e se queremos refugiar-nos por uns minutos d'este ambiente, teremos de fugir para os museus onde esqueceremos o presente diante da magia do Passado.

E, contudo, mesmo ali o presente, que não quer ser esquecido, se apresentará deante de nós sob a forma da comparação.

Ao vêr os desenhos intrincados e os arabescos até por vezes exagerados em que os artistas se compraziam, recordamos involuntariamente os motivos mais simples e de mais facil execução que hoje os objectos apresentam, na ansia de serem acabados com maior rapidez.

A vida de hoje não é propicia á arte.

Parece-me que esses artifices admiraveis, de cujas mãos saíam autenticas maravilhas, não gostariam de trabalhar na vertigem do nosso tempo.

Contudo, o cristal de Veneza é tão bonito que, mesmo o artigo de agora, ainda que sombra palida do seu predecessor é belo. Uma meza de festa onde se encontrem copos, tigelas, pratos, castiças, jarros e vasos de cristal de Veneza, será ainda hoje um festim grandioso para os nossos olhos.

A CAPOEIRA

Entre os numerosos pontos que importam para o bom exito do chôco, destacam-se a escolha de um caixote apropriado, a preparação do ninho e a colocação dos ovos debaixo da galinha.

O caixote deve medir cerca de meio metro em todas as direcções e é facilmente arranjado por alguém que tenha uma certa habilitade para carpintaria. Em qualquer mercearia se pode adquirir uma caixa que, com pouco trabalho, se adapta ao fim desejado.

Volta o caixote de lado, formando a frente a abertura, prega-se na parte inferior uma travessa de madeira, duns doze centímetros para amparar o ninho. Adapta-se ao resto da abertura um postigo, tendo a parte superior feita de rede d'arame, com malha apertada para prover a necessaria ven-

tilação. A rede tem uns dez centímetros de altura. Este postigo prende-se á travessa fixa, por gonzos, e ao tecto por um fecho de correr.

Faz-se o ninho cobrindo o fundo da caixa com uma camada de terra livre de pedras. Areia com grêda seria o melhor. Coloca-se a terra de maneira a formar uma ligeira depressão no centro, para amparar os ovos, porém se a cavidade for exagerada ha o perigo destes ficarem amontoados e da galinha os esmagar.

Em seguida, cobre-se essa terra com uma delgada camada de ferro, dando-lhe, por um movimento circular, o feito de ninho e premindo-o para que fique lizo. Como protecção contra os parasitas espalha-se pelo caixote um bom pó insecticida.

Durante o tempo frio põe-se a caixa do chôco debaixo dum alpendre sêco e livre de toda a humidade, mais tarde, á medida que o color aperta, coloca-se num local abrigado ao ar livre.

Quando a galinha mostrar que está choca ficando sempre agachada no mesmo sitio durante tres ou quatro dias, mete-se no caixote.

Se for a primeira vez que choca será conveniente pôr-lhe no ninho uns ovos fingidos, deixando-se ali estar por vinte e quatro horas, caso a galinha fique socegada todo esse tempo, substituem-se então pelos verdadeiros, fecha-se a porta e deixa-se aquele sitio numa grande tranquillidade.

Os ovos devem regular todos pelo mesmo tamanho, por haver assim menos perigo da galinha os quebrar.

Em geral, são colocados no ninho, de noite, porque as aves estão mais doces nessa ocasião.

Uma galinha choca de doze a quinze ovos, segundo o tamanho d'elles.

PENSAMENTOS

Os que arriscam muito para ganhar pouco, asseme-
ham-se a um homem que pescasse com um anzol de
ouro, cuja perda não pu-
desse ser compensada por
qualquer presa que apa-
nhasse.

Octavio Augusto.

Não meças o amor pelo
tempo que dura.

La Bruyère.

O futuro é desprezível.
Apenas o presente deve
ser considerado. E' pre-
ciso saber ao mesmo tempo
ousar e calcular.

Napoleão.

CALENDARIO DA SEMANA

Outubro—31 dias

- 28 — Domingo — S. Judas Tadeu.
- 29 — Segunda feira — S. Feliciano.
- 30 — Terça feira — S. Angelo.
- 31 — Quarta feira — S. Maturino.

Novembro—30 dias

- 1 — Quinta feira — Todos os Santos.
- 2 — Sexta feira — Fieis Defuntos.
- 3 — Sabado — S. Benigno.

DOIS ARTISTAS PORTUENSES



O pintor Joaquim Lopes



O escultor Antonio de Azevedo

O pintor Joaquim Lopes e o escultor Antonio de Azevedo, dois artistas portuenses de verdadeiro mérito, que realizarão, dentro em breve, em Lisboa, uma exposição dos seus trabalhos, segundo nos anuncia o nosso ilustre colaborador artístico Luiz Cunha, acompanhando, gentilmente, a agradável notícia com os dois interessantes croquis dos expositores que acima reproduzimos

Os monte-pios e a administração do Estado



O general sr. Vitorino de Sousa Albuquerque lêna a representação da direcção do Monte-pio Oficial, contra a disposição das propostas de finanças que submete os monte-pios á administração do Instituto de Seguros Sociais, perante a assembleia geral extraordinária do referido Monte-pio, realizada no dia 17 do corrente

(Clutché Salgado.)

PAGINA MUSICAL



Canção Hungara

PIANO

Lento



p

p

f

mf

p

pp

A TIA "NUNU"

(RECORDAÇÕES DA MOCIDADE)

MEUS paes não eram suficientemente ricos para terem criada. Com certeza que não,—pobres creaturas!—e ainda mesmo me lembro que as sobrecasacas de meu pae duravam-lhe muito tempo, e que muitas vezes a mamã se via obrigada a lavar a roupa. Logo de manhã cedo, o pobre homem lá ia para o seu ministerio, levando na algibeira um bocado de pão atulhado de coisas da salchicharia para o almoço; as minhas duas irmãs—que estudavam pintura—partiam para o seu *atelier*, e enquanto a mais nova, a que devia morrer aos vinte e tres anos e a quem chamávamos então *A Maria gorda*, acabava os arranjos da casa, minha pobre mãe sentava-se á banca, proximo da janela, e começava a copiar folhas das estancias ou das serralharias para os empreiteiros da visinhança. Ora eu era então um importante personagem de seis anos de idade, ordinariamente designado pelo alcunha de *Cicis*, um rapazola doente, embrulhado num capote de pano escossoz, de quadrados brancos e encarnados, obra-prima da industria maternal, e de que eu me orgulhava imenso. Minha irmã Maria, posto que já fosse muito util á casa, só me excedia de tres anos, e creanças desta idade precisavam de exercicio e de muito ar.

Pela volta do meio dia, a Bernu, uma pobre velha do bairro, vinha buscar-nos para nos levar a passeio. Almoçava a um canto da meza e a mamã dava-lhe dez soldos. Com este pequeno recurso, com os socorros da repartição de beneficencia e algumas outras esmolos, talvez, achava ainda meio de viver; e os meus humildes, muito humildes paes, que, por prodigios de economia, conservavam na pobreza um ar de decente burguezia, deviam-lhe produzir o efeito de poderosos capitalistas.

Muito adiantada em anos, com um bonné d'avó do campo duma brancura deslumbrante, sáia cinzenta semeada de flôres e chale verde sempre preso por quatro alfinetes, a tia Nunu, como nós lhe chamavamos, tinha um rosto de feições regulares, enrugada como uma maçã de conserva, onde alguns cabelitos brancos frisavam em volta da boca desdentada. Era dum aceio escrupuloso, conservava os modos polidos do povo de outr'ora, e, tendo tido uma numerosa familia, sabia ás mil maravilhas tratar de creanças.

A tia Nunu, conduzia-nos portanto, a minha irmã Maria e a mim, pelas avenidas desertas que irradiam em volta dos Invalidos. Eu habito hoje deste lado; voltei para ali, arrastado por um irresistivel atractivo; porque o parisiense é mais fiel do que muitos não julgam ás suas recordações de infancia e conserva um sentimento delicado pelo seu bairro natal. Havia n'aquella época, por estes longínquos *boulevards*, magníficos olmeiros que foram depois cortados durante o cerco, velhos bancos de madeira carunchosa, fossos cheios de herva, e candeeiros de forca datando do Paris revolucionario, candeeiros proprios para enforcar o aristocrata. Era um logar melancolico, quasi agreste,



muito solitario. Só se encontravam raros invalidos,—e de antigo modelo,—com a casaca azul de bicos voltados e o grande tricornio com penacho, que se trazia em combate, ou velhas que viviam da caridade dos palacetes e dos conventos do *faubourg Saint-Germain* muito proximo, e que, durante o dia, se aqueciam ao sol sentadas pelos bancos. A Bernu sentava-se junto delas para palestrar o seu bocado, e eu e Maria acocoravamos-nos aos pés dela e brincavamos com a areia.

Mas, rapazito como era, tinha já imaginação, e as historias que a Bernu contava ás suas pobres companheiras interessavam-me poderosamente. Ouvida com respeito por causa da sua muita idade, falava-lhe quasi sempre d'uma pessoa que fazia honra a sua familia, de sua filha, o unico ente que lhe restava,—porque os filhos tinham sido mortos durante as guerras do Imperio,—de sua filha que era a porteira d'um palacete do *faubourg Saint-Honoré*, onde o seu marido era cocheiro, e que, por um acaso ironico, se chamava Madame Napoléon. Este nome de Madame Napoléon que aparecia constantemente nos discursos da Bernu, exercia em mim uma especie de *fascinação*, e só podia fantasiar a porteira do *faubourg Saint-Honoré* de corôa na cabeça e arrastando o manto imperial.

Um dia, a tia Nunu levou-nos a casa de sua filha; era uma mulher gorda, já velha, que nos ofereceu excelentes uvas passadas. Mas o meu cerebro de criança não quiz admitir semelhante realidade, e, mesmo depois d'esta visita, quando pronunciavam o nome de Madame Napoléon o meu pensamento evocava a imagem d'uma radiosa imperatriz.

Como todas as pessoas de muita idade, a Bernu, nos seus colloquios do *boulevard* dos Invalidos, ia sempre até ás mais longinquas recordações. Tinha jantado na rua, n'uma meza construida em frente da casa, no dia da Federação; tinha visto passar Marie-Antoinette na carreta, em *camisola branca*; descrevia seu filho mais velho, o grandedeiro da guarda imperial, com o seu

grande *bonet* e as altas polainas pretas; e eu entrevia, esculando-a, dramas confusos e vagos esplendores. E do que ela se lembrava melhor, era das festas publicas em que o povo tem sempre o seu quinhão: a festa do Imperador e as distribuições do vinho, o dia do nascimento do rei, quando atiravam com chouriços á multidão. Que coisa pungente, este curso de historia contemporanea feito por uma pobre!

Um dia, quiz mostrar a casa onde morava uma das suas velhas amigas e conduziu-a, comnosco, bem entendido, a um miseravel casebre da rua Rousselet. Entrámos n'um quarto frio, mal iluminado, onde havia um leito de campones e algumas cadeiras de palha. Mas, sobre uma velha comoda, uma capelinha de gesso, cujas janelas eram guarnecidas com vidros de cores, maravilhou a minha atenção infantil. A tia Nunu explicou a origem d'este singular objecto á sua amiga. Sob o antigo regimen, no dia da festa do Corpo de Deus as crianças do povo, como ainda o fazem hoje, armavam capelinhas ás portas das casas; mas não tinham necessidade d'importunar os que passavam para lhes arrancar alguns soldos; porque naquele tempo, as pessoas de distincção faziam parar as suas carruagens diante da capelinha, desciam, ajoelhavam-se um instante e deixavam uma larga esmola. Foi assim que a Bernu, então muito novita, tinha visto descer da sua carruagem e rezar diante d'esta capela de gesso, um velhosenhor muito paramentado que, acabada a sua

oração, lhe tinha sorrido e lhe tinha dado um luiz de ouro, o unico talvez em que ela tocou em toda a sua vida; e este senhor não era mais nem menos do que o marechal Richelieu em pessoa, então extremamente idoso e que tinha caído na devoção. A Bernu, que se orgulhava de ter sido bonita, tivera o ultimo sorriso de Fronsac!

Assim eu passava as minhas tardes a ouvir as boas historias da tia Nunu; depois ao cair do dia voltavamos para a rua Vanneau, onde morava minha familia, e subiamos cinco andares. As irmãs mais velhas estavam de volta, e, rindo com o seu belo riso de raparigas, ajudavam minha mãe a pôr a meza. Depois o pai voltava da repartição fatigado, curvado, pobre homem d'espírito e de fantasia que se consumia sobre papelada! Mas quando nos tinha beijado, o seu rosto, o seu ingenuo e fino rosto sem barba, sob uma camada de cabelos grisalhos, de prata, iluminava-se d'um sorriso feliz.

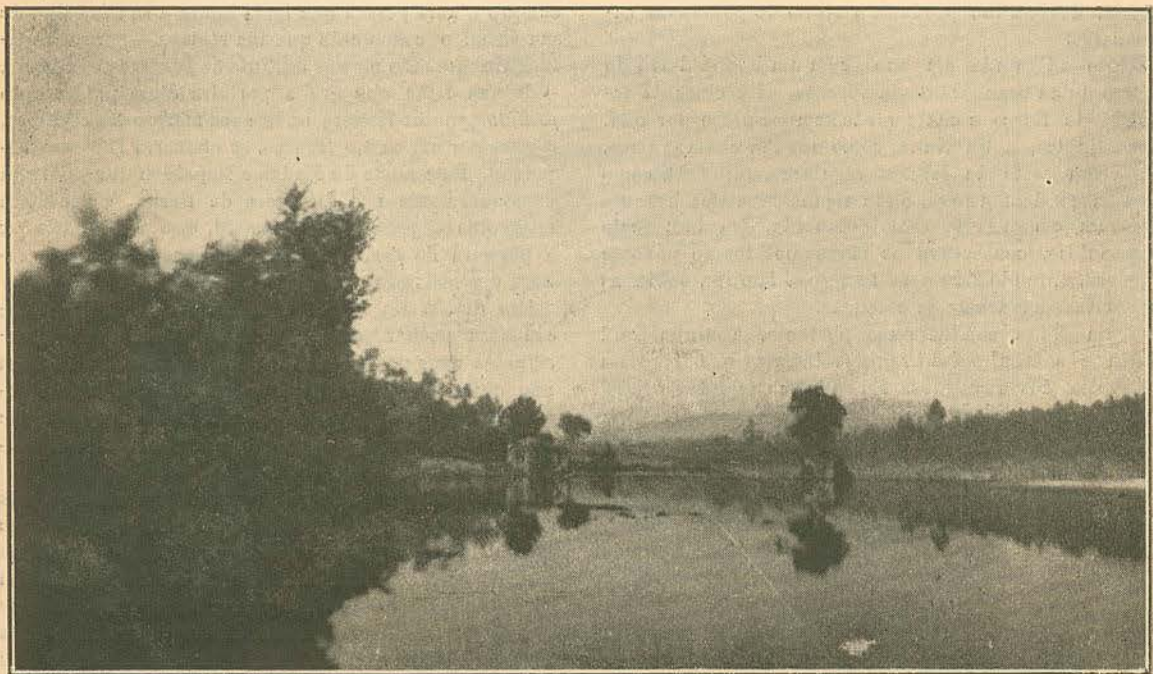
Tirava a sobrecasaca, — esta sobrecasaca que durava tanto tempo! — dizia: *Uf!* enfiando a sua *robo de chambre*; e, como a terrina fumava já sobre a meza e a Bernu a olhava com o canto do olho, fazem do semblante de se ir embora; ele dizia-lhe alegremente, com a sua generosidade de pobre e a sua boa graça de gentilhomem:

— Sente-se lá, tia Nunu... e jante comnosco!

(De François Coppée.)



As azenhas do Rio Cavado na Graça



Fotografo amador — Carlos da Cunha Gomes — Porto

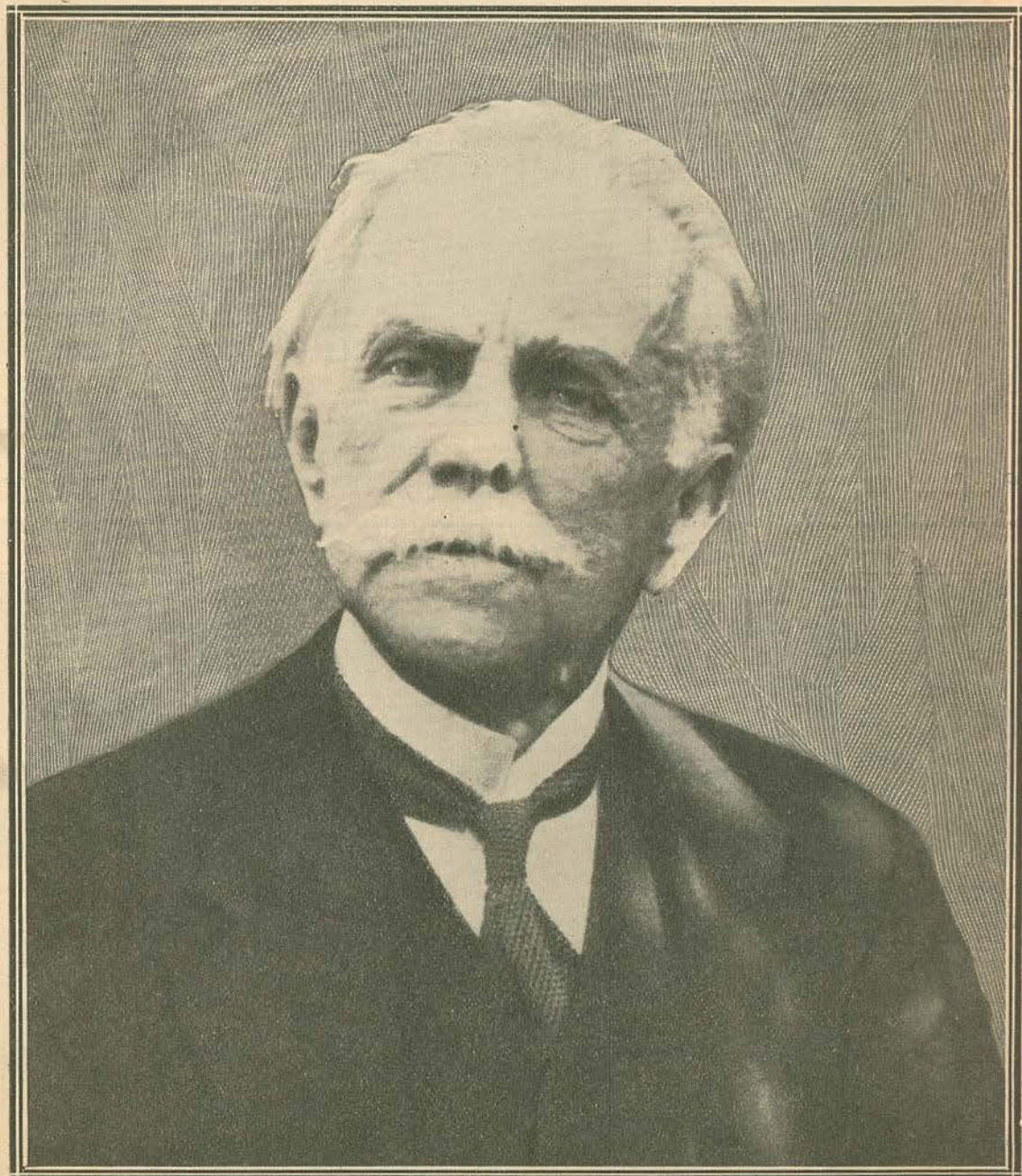
Ilustração Portuguesa

2.^a SÉRIE

27 — OUTUBRO — 1923

N.º 923

DR. MAGALHÃES LIMA



Prestigioso jornalista português que acaba de ser eleito presidente da União Internacional das Associações de Imprensa, com sede em Paris

PERSONALIDADES ESTRANGEIRAS EM DESTAQUE



O general Metazes, chefe do logrado movimento revolucionario que acaba de dar-se na Grecia



Mathes, membro do comitê que proclamou a Republica Rhenana



O general Zonow que se mantém á frente das forças bavaras, apesar de destituído pelo Reich



O dr. Dorsten, membro do comitê que proclamou a Republica Rhenana



O presidente da Tcheco Slovaquia, actualmente hospede da Inglaterra

SANATORIO DE MONTACHIQUE



A illustre actriz Amella Rey Colaco, «estrela» do Politeama, que acaba de ser agraciada com a Ordem de S. Tiago



A comissão dos festejos, realísados no dia 21, no Bairro Grandela, em favor do Sanatorio de Montachique constituída (da esquerda para a direita) pelo sr. Rafael Neves e pelas sr.ªs D. Palmira Neves, D. Julia Pareira, D. Sofia Lopes, D. Ollinda Santos, D. Elisa Godinho e D. Beatriz Santos



O poeta Tomaz Ribeiro Colaco, que brevemente se estreará como actor numa peça de sua autoria



O distincto actor Alexandre d'Azevedo que foi alvo de identica distincção honorífica



Guilherme Street Caupers, o novo actor que se estreará, no dia 30, em S. Carlos

BANQUETE DIPLOMATICO



Os assistentes ao banquete oferecido no dia 17 do corrente, na Embaixada do Brasil, pelo sr. dr Cardoso d'Oliveira, ao governo portuguez

Da esquerda para a direita (sentadas): madame Graça Aranha, madame Lafayette de Carvalho e Silva, mesdemoiselles Lydia Cardoso de Oliveira e Virginia Cardoso de Oliveira, madame Domingos Leite Pereira, a sr.^a Embaixatriz do Brasil, madame Velinho Correia e madame Macedo Soares; (de pé): srs. dr. Graça Aranha, secretario da Embaixada; Joaquim Ribeiro, ministro da Agricultura; Abranches Ferrão, ministro da Justiça; Antonio Maria da Silva, presidente do Ministerio; dr. Macedo Soares, secretario da Embaixada, Embaixador do Brasil; Domingos Leite Pereira, ministro dos Estrangeiros; Rodrigues Gaspar, ministro das Colonias; dr. Rocha Saraiva, ministro de Trabalho; Pontoura Costa, ministro da Marinha; Velinho Correia, ministro das Finanças, e dr. Lafayette de Carvalho e Silva, secretario da Embaixada

SARGENTO DA G. N. R. CONDECORADO



Maximiano Costa, comandante do posto da G. N. R. d' Regua, condecorado com a Torre e Espada, cujas insignias lhe foram solememente impostas no dia 5 do corrente, por serviços prestados quando do movimento monarchico
(Cliché Anton'o Telxela — Regua.)

POLICIA CIVICO CONDECORADO



O governador civil de Coimbra, collocando a medallha de Merito, Generosidade e Filantropia no peito do policia n.º 81, Joaquim Ferreira Carriço, que, com risco de vida, salvou duas crianças que se banhavam no Mondego
(Cliché Lencastre — Coimbra.)

O GRUPO DO LEÃO



Ribeiro Cristino
Henrique Pinto
Malhõa

Alberto d'Oliveira
João Vaz
Silva Porto

Creado Manuel
Antonio Ramalho
Girão

Columbano
Rafael Bordalo
Creado Manuel
Dias
Martins
Rodrigues Vieira

O celebre quadro de Columbano que figura no restaurant Leão d'Ouro

(Cliché extraído da *Estetica Citadina* do pintor Ribeiro Cristino, a sair do prelo, gentilmente cedido a *Ilustração* por este nosso amigo e illustre artista.)

O MONUMENTO A CARVALHO ARAUJO, EM VILA REAL

A cerimonia solemne do lançamento da 1ª pedra, no dia 14 do corrente



Fotografia de Carvalho Araujo tirada em Mossamedes, em dezembro de 1914



O sr. ministro da Marinha discursando junto do local onde será erecto o monumento



Aspecto da Avenida Carvalho Araujo, logo apoz a cerimonia do lançamento da primeira pedra do monumento ao heroico oficial da nossa armada

(Clichés Miguel Monteiro — V. Real.)

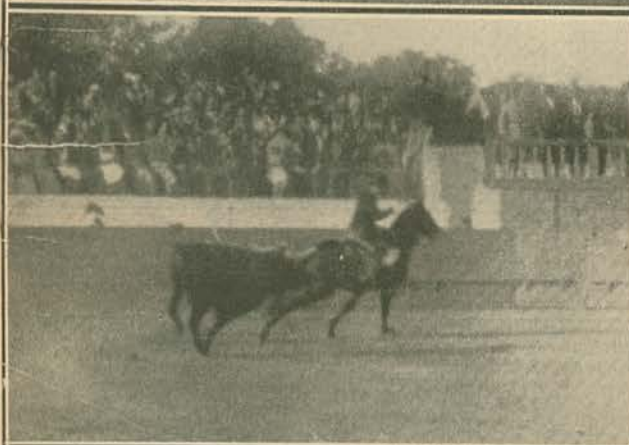
UMA NOVA PRAÇA DE TOUROS.

CORRIDA INAUGURAL DA PRAÇA DE FRONTEIRA (ALEMTEJO)

As cortezias

Uma sorte de caçaleiro

Pegu feliz do forcado
Perestrelo



Grupo dos artistas e amadores que tomaram parte na corrida de inauguração da praça, expressamente construída para, com as suas receitas, fazer face às despesas da fundação d'um Asilo de Mendicidade. No referido grupo vêem-se entre outros os srs. José Gomes (na 3.ª linha, segurando um pampilho) lavrador, que ofereceu o curro; José Maria Côrtes (1.º, à direita do anterior), cavaleiro amador; José Luiz Gomes (2.º, à direita do mesmo), que presidiu à corrida; Luiz Frade Caldeira (2.º, à direita da fotografia), cavaleiro amador; e os artistas de Évora, S. Pedro (1.º do mesmo lado) e Boletto (1.º à esquerda da fotografia)

(Clichés Zacarias Retxa.)

1.º ANNO

SEGUNDA FEIRA 27 DE OUTUBRO DE 1833.

NÚMERO 4.

JORNAL DO COMMERCIO

ASSIGNATURAS

USINA	PROVINCIA
Por ann. 1200	1200
Por ann. 1200	1200
Por ann. 1200	1200

Com a entrega da entrega de...
 O Jornal do Commercio...
 O Jornal do Commercio...

REPUBLICAÇÃO DE NOTICIAS

Este jornal publica todas as noticias...
 O Jornal do Commercio...
 O Jornal do Commercio...

ANNUNCIOS

RECEBEM-SE A VENDA...
 O Jornal do Commercio...

Aluguel de...
 O Jornal do Commercio...



1.º Furtado Coelho; 2.º Antonio Cezar de Vasconcelos Corrêa; 3.º Mendes Leal; 4.º Luiz Augusto Rebelo da Silva; 5.º Latino Coelho; 6.º Luis d'Almeida e Albuquerque; 7.º Eduardo Burnay; 8.º Julio de Mascarenhas; 9.º João Mellico; 10.º Alberto Bessa (actual)

2.º Antonio Cezar de Vasconcelos Corrêa; 3.º Mendes Leal; 4.º Luiz Augusto Rebelo da Silva; 5.º Latino Coelho; 6.º Luis d'Almeida e Albuquerque; 7.º Eduardo Burnay; 8.º Julio de Mascarenhas; 9.º João Mellico; 10.º Alberto Bessa (actual)

3.º Mendes Leal; 4.º Luiz Augusto Rebelo da Silva; 5.º Latino Coelho; 6.º Luis d'Almeida e Albuquerque; 7.º Eduardo Burnay; 8.º Julio de Mascarenhas; 9.º João Mellico; 10.º Alberto Bessa (actual)

4.º Luiz Augusto Rebelo da Silva; 5.º Latino Coelho; 6.º Luis d'Almeida e Albuquerque; 7.º Eduardo Burnay; 8.º Julio de Mascarenhas; 9.º João Mellico; 10.º Alberto Bessa (actual)

5.º Latino Coelho; 6.º Luis d'Almeida e Albuquerque; 7.º Eduardo Burnay; 8.º Julio de Mascarenhas; 9.º João Mellico; 10.º Alberto Bessa (actual)

5.º Latino Coelho; 6.º Luis d'Almeida e Albuquerque; 7.º Eduardo Burnay; 8.º Julio de Mascarenhas; 9.º João Mellico; 10.º Alberto Bessa (actual)

6.º Luis d'Almeida e Albuquerque; 7.º Eduardo Burnay; 8.º Julio de Mascarenhas; 9.º João Mellico; 10.º Alberto Bessa (actual)

7.º Eduardo Burnay; 8.º Julio de Mascarenhas; 9.º João Mellico; 10.º Alberto Bessa (actual)

8.º Julio de Mascarenhas; 9.º João Mellico; 10.º Alberto Bessa (actual)

9.º João Mellico; 10.º Alberto Bessa (actual)

10.º Alberto Bessa (actual)

10.º Alberto Bessa (actual)

10.º Alberto Bessa (actual)

10.º Alberto Bessa (actual)

10.º Alberto Bessa (actual)

Fac-simile da 1.ª pagina do 1.º numero e os seus directores e redactores-principaes

1.º Furtado Coelho; 2.º Antonio Cezar de Vasconcelos Corrêa; 3.º Mendes Leal; 4.º Luiz Augusto Rebelo da Silva; 5.º Latino Coelho; 6.º Luis d'Almeida e Albuquerque; 7.º Eduardo Burnay; 8.º Julio de Mascarenhas; 9.º João Mellico; 10.º Alberto Bessa (actual)

Registando a passagem, no dia 17 do corrente, do 70.º anniversario do Jornal do Comercio e das Colonias a Illustração Portuguesa cumprimenta o seu actual director e demais colegas de redação

AS PRIMEIRAS VISITAS OFICIAES DO SR. PRESIDENTE DA REPUBLICA



INAUGURAÇÃO DO ANO LECTIVO NO INSTITUTO FEMININO DE EDUCAÇÃO E TRABALHO, NO DIA 20 DO CORRENTE, E NO COLEGIO MILITAR, NO DIA 21



O Chefe do Estado recebe os cumprimentos do governo á sua chegada ao Collegio Militar



O sr. Teixeira Gomes observando os trabalhos das alunas no Instituto Feminino

O sr. Presidente da Republica, no Instituto Feminino, dando a direita ao sr. presidente do governo e á esquerda ao sr. Frederico Simas, director do referido Instituto e ao sr. ministro da Instrução

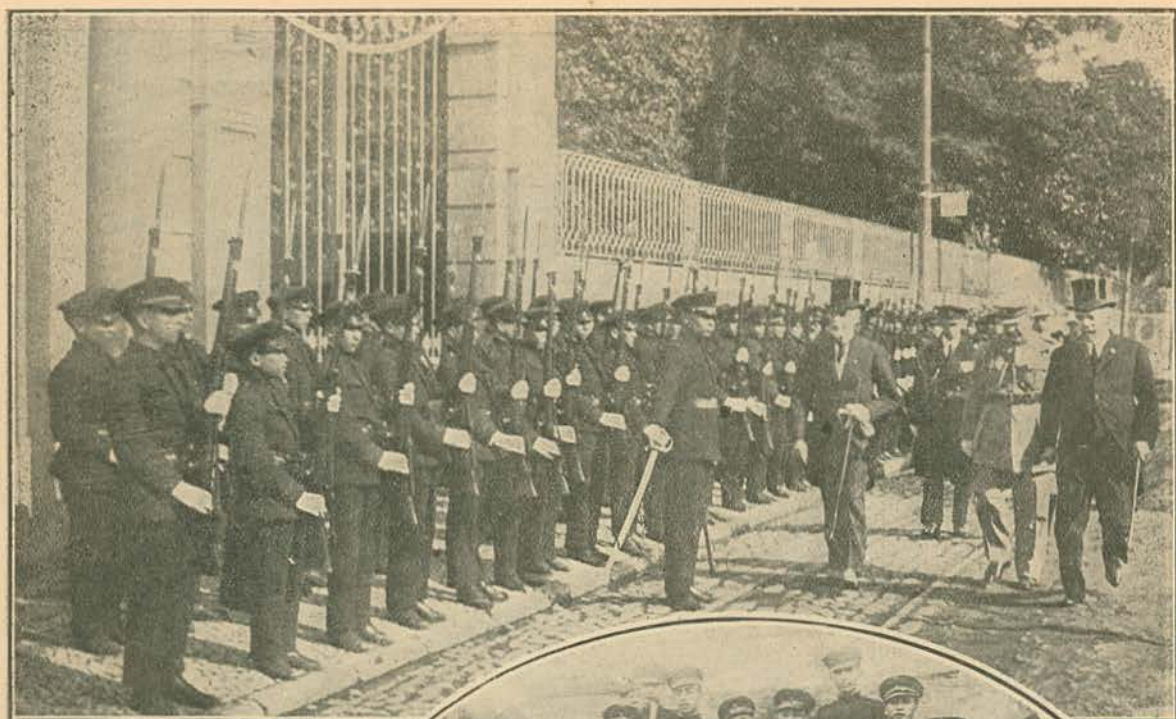
As sete alunas do Instituto que mais se distinguiram no ultimo anno lectivo (Maria José Ruteo, trabalhos officinaes; Branca Rodrigues, curso da precepção; Dulce Adrido, curso primario superior; Ana Freitas, curso comercial e Branca Barreiro Germano, Emma Correia Henriques e Maria Amelia Dias, curso primario geral.)



O sr. Teixeira Gomes presidindo á sessão solenne de abertura das aulas no Collegio Militar

O Chefe do Estado collocando a medalha de prata ao peito de um dos alunos premiados do mesmo Collegio

Instituto dos Pupilos do Exercito



*Chegada do Chefe do Estado
ao Instituto Profissional
dos Pupilos do Exercito, onde
presidiu, no dia 22, a sessão
solemne de inauguração
do ano escolar*

*Grupo dos alunos do Instituto
a quem o sr. Teixeira Gomes
distribuiu premios,
por serem os mais bem classifi-
cados no ano escolar findo*



*Os alunos do Instituto proce-
dendo a evoluções militares
perante os convidados para a
ceremonia entre os quais
se viam, além do Chefe do Es-
tado, os srs. presidente
do governo e ministro da guerra,
generais srs. Correia Barreto,
Abel Hipólito,
Bernardo de Faria, Pereira
Bastos e Vieira da Rocha,
almirante sr. Pinto Basto, go-
vernador civil de Lisboa,
um sem numero de officiaes
do exercito de todas as patentes
e muitas senhoras das familias
dos professores e alunos*

Comemoração do 2.º aniversário do 19 de Outubro



*O tenente da Armada sr. Francisco Maria Ribeiro discursando junto do túmulo de Machado Santos.
A multidão que tomou parte na romagem ao cemitério oriental, em frente do mesmo túmulo*

(Clípeis Salgado.)

Comemoração do 2.º aniversário do 19 d'outubro



O descerramento do retrato de Machado Santos no Centro Manoel de Arriaga, por ocasião da sessão solenne de homenagem às vítimas da noite trágica, ali realizada em 19 do corrente

Ainda um julgamento relacionado com o 19 de outubro



O almirante sr. Camara Leme (no 1.º plano) respondendo perante o tribunal que, no dia 18, o absolheu da acusação que sobre ele pesava de haver manifestado cobardia por ocasião dos trágicos acontecimentos do Arsenal de Marinha

(Clichés Salgado.)

TOMAZ VIEIRA TEM UM PUPILO-DISCIPULO

Africa Oriental e o amiguinho, o admirador, o discipulo aguardava-o vibrante de alegria e de anciedade. O «Junior», que assim lhe chamam, era orfão de pai, tinha mais irmãosinhos, os seus sonhos resumiam-se em trabalhar com o sr. Tomaz, em imitalo em cada attitude, em cada gesto, em cada inflexão de voz, em cada malicioso sorriso... Mas como e onde, se ele, a breve trecho, se ia embora? Tomaz Vieira solucionou o problema, adotando o pequenito que passou a ser um colaborador graciosissimo. Trouxe-o para a Europa; anda a mostrar-lhe Lisboa. A objectiva fixou os dois no momento em que o mestre, depois de apresentar o aluno, lhe dá o bom conselho que ele ouve com a mais inteligente e confiante das suas expressões infantis. Virá o «Junior» a ser alguém no teatro?



TOMAZ Vieira, actor de indiscutíveis qualidades, que vimos trabalhar ao lado dos mestres por forma tal que, tanto estes como o publico, reparassem nele, foi já duas vezes a Africa, em *tournee* artistica, e de ambas elas logrou arrecadar merecidos louros e *louras* não menos merecidas. Depois de haver brilhado em companhias de declamação, nos primeiros teatros de Lisboa, dedicou-se á cançoneta e ao monologo, como actor excentrico, dos mais pitorescos pela força comica e pela risonha e exuberante fantasia. Quando, pela primeira vez, visitou Lourenço Marques entre os que o aplaudiram e o imitaram, ao desempenhar *O fole*, um dos seus numeros de segurissimo efeito, appareceu um rapazinho minusculo que passou a ser a sua sombra, na linda cidade moçambicana. Voltou Tomaz Vieira á



O actor Tomaz Vieira e o seu pupilo

"Estrelas e Azules" do Cinema



Loucuras de mulher é o título dum novo film americano a que, vae em dois anos, a imprensa d'Alem-Atlantico se vem referindo como sendo daqueles em que se tem dispendido mais capital, na respectiva montagem. A mise-en-scène é tudo quanto ha de mais notavel e as salas de jogo de Monte Carlo encontram-se nele minuciosamente reconstituídas.

O assunto resume-se em poucas palavras: o conde Sergio Keramzin, cinico sedutor, tem como amantes as princezas Vera e Olga Petrovnikoff e a creada de quarto destas, Maruschka. Além disso, corteja Dolly, mulher dum diplomata americano e passa a noite em busca de conquistas faceis pela cidade.

De todas estas intrigas passionaes surgem dramas, dos quaes, no ultimo, o mais emocionante, assiste o publico á morte do brutal, vicioso e trapaceiro conde Sergio, cujo papel é desempenhado excelentemente por Erich von Stroheim, artista original que se sabe servir com grande intelligencia do seu fisico... tudo quanto ha de mais antipatico.

Charles Chaplin, o famoso Charlie com sua ex-mulher, a actriz Paule Negri, de quem recentemente se divorçou



William Humphrey



Allen Terry



Lloyd Ingraham



Edith Allen



Julia S. Gordon



Ramon Navaro



Otto Matheson



Lewis Stone



Curioso grupo de actrices norte-americanas que, como o leitor deve calcular, constituem, ao desempenhar os seus papeis de banhistas, um dos maiores perigos para a navegação

—Muito original o assunto do poema de Ivan Tourgueneff, *O Canto do Amor Triunfante*, que acaba de ser filmado por V. Tourjansky. A saber: No tempo da renascença italiana, dois moços, o pintor Fabio e o musico Murio, queriam-se como verdadeiros irmãos, amando, porém, ambos Valeria, joven de notavel beleza e duma virtude que era por todos admirada.

Confessaram, um ao outro a sua paixão e juraram que, desde que um tivesse a felicidade de se fazer amar por Valeria, o outro se conformaria. Ora Valeria concede, de facto, a sua mão a Fabio e Murio immediatamente se põe a caminho, desiludido, para longinquos paizes.

Decorrem quatro anos e o musico regressa, acompanhado por um servo hindu, sendo recebido com grande entusiasmo pelo pintor, que lhe oferece hospitalidade. Estava escrito, contudo, que esse regresso lançaria, no tranquillo ménage, uma singular perturbação: ouvindo Murio tocar, num instrumento excentrico, o *Canto do Amor Triunfante* Valeria foi como se sentisse objecto de um verdadeiro encantamento.

Nesta altura o drama precipita-se e Fabio mata Murio, com quem Valeria ia ter, em estado de sonambulismo e sem consciencia do acto criminoso que praticava. Então o encanto quebra-se e os jovens esposos voltam a ser felizes.

—Segundo se afirma, Douglas Fairbanks e Mary Pickford vão filmar uma fita intitulada *Romeu e Julieta*, assunto, aliás, já pelos dois realisado... na vida privada, sem Capuletos nem Montequios...

—Vae crear a protagonista da adaptação ao écran do romance de Tolstoi, *Ressurreição*, Marcelle Pagnol.

—Em Paris e em Londres está sendo exhibido, com grande successo, um film intitulado *Ferragus*, extrahido da novela de Balzac e esplendidamente interpretado por Gaston Revel (protagonista), René Navarre, Elmira Vantier, Stewarte Roma e Lucien Dalsace.



Ricardo Cortez, galã da Paramount, que se civilisou na película «Filhos do Jaz»

Principaes interpretes do film, da marca Metro, Scaramouche, cuja montagem foi dirigida por Rex Ingram

O REGIMEN DO "CAES LIVRE,,"



Aspecto da doca da Alfandega atulhada de fragatas carregadas de mercadorias a que o pessoal e o material da mesma doca mal conseguem dar vazo

TRIO SCHUMANN

Capitão-aviador Antonio de Almeida



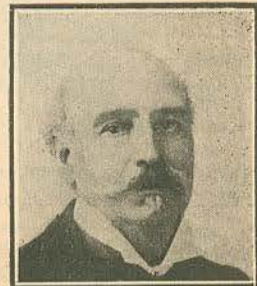
Constituido por Armando Jaime Albergaria e Sousa (violino), Arnaldo Fausto de Albergaria e Sousa (violoncelo) e Maria Julia Albergaria e Sousa (plano) tomou parte com grande exito na festa dos jornalistas, recentemente realisada no Porto



Fez parte do C. E. P. e dos serviços de aviação de Angola, onde organisou a esquadilha do Luzango, era cavalleiro de Cristo e possuía a medalha da Vitoria. Faleceu em Lisboa, no dia 15 do corrente



Raul Marques da Cunha, viti-mado por um desastre de automovel em 28 de setembro ultimo, na estrada d'Elrol, Aveiro



João da Maia Romão, professor e artista de merito, falecido em Aveiro, onde gosava geral simpatia, no dia 7 do corrente

DUAS ESTREIAS DE SENSAÇÃO



J. CAUPERS
E
T. R. COLAÇO

ALÉM de varios originaes e de traduções varias, annunciam-se algumas estreias de sensação quanto a interpretes e uma delas para muito breve: a do sr. Guilherme Street Caupers, amador dramatico que nunca teve a ventura de admirar, mas a cujo respeito são unanimes as referencias elogiosas, quer da sociedade elegante a que pertence, quer de pessoas esclarecidas e autorizadas que o viram em scena. E', segundo numerosos depoimentos, uma esplendida vocação comica. O sr. Guilherme Caupers estreiar-se-ha como actor numa comedia de Flers e Croisset que tem sido e prossegue sendo um dos maiores exitos de Paris: *Les vignes du Seigneur*, que Paulo Osorio traduziu para Lisboa e Abadie Faria Rosa para o Rio de Janeiro, onde a representou e creio estar ainda representando Leopoldo Froes. Na tradução do titulo divergem os tradutores; no resto ignoro-o. Enquanto Abadie conservou o plural do francez, traduzindo *As vinhas*, Paulo Osorio, mais avisada e portuguezmente, traduziu *A vinha*. Do sr. Guilherme Caupers se diz que cantará na devida altura uma canção ingleza, em inglez. O interprete parisiense cortava essa dificuldade, sob o pretexto de falta de voz. O interprete brasileiro foi aprender inglez e anunciou-o nos jornais, á guisa de reclamo, não sei se ao mestre, se a ele proprio, se á peça. O sr. Guilherme Caupers canta e sabe inglez como sabe portuguez, se é que com o distinto amador se não dá o caso de estar ainda mais seguro na lingua de Shakespeare que na de Garrett. Isso parece inferir-se da noticia, que circulou, de que o sr. Guilherme Caupers, ao cabo de pouca demora em Portugal, seguirá para Inglaterra, a fim de lá continuar na carreira teatral. Se tem fundamento a noticia, porque nos abandona o novo artista, desde que o grande publico ratifique as encomiasticas opiniões da assistencia especial ás recitas de caridade? Dois motivos de monta podem influir no seu espirito: o de alcançar um mais vasto campo para a sua reputação e para a sua gloria e o de conseguir proventos que as circunstancias cambiais tornarão principescos, uma vez reduzidos a escudos. Qualquer dos motivos é respeitavel; melhor dizendo, ambos eles são respeitabilissimos, admitido o dogma de que a Arte não tem Patria. Mas, se o sr. Guilherme Caupers possui, como se afirma, verdadeiro talento histrionico, devemos lastimar, de todo o coração, que ele acaricie o proposito de nos fugir depois de o consagrarmos com os nossos aplausos e os nossos hossanas. O sr. Gui-

lherme Caupers, sem embargo da sua costela estrangeira, é, segundo creio, portuguez. Se o não fór pela lei do registo, se o não é pela lei do sangue, ha de forçosamente sê-lo pelas fibras da alma. Interpretou Gervasio á maravilha. E a graça gervasiana é tão portugueza! Convem, no entanto, observar que por muito brilhante que seja o talento do sr. Guilherme Caupers,

por muito nativa e esfusante que seja a sua graça, ha de ser-lhe menos facil triunfar em Inglaterra, onde os comicos de merecimento decerto constituem legião, que em Portugal, onde ha bons comicos, mas raros em numero e diversos em qualidade. Quanto a honorarios, tambem por cá existem que, embora não deslumbrem, são muito confortativos. Um actor comico que logre cair no agrado das plateias, e fazer o que se chama cartaz, pode sem esforço pedir por cada noite o que alguns jornalistas não conseguem receber em trinta de exaustivo trabalho diurno e noturno. O sr. Guilherme Caupers, homem de sociedade, pessoa requintadamente educada e culta, não vai, porém, para o teatro como quem circunscreve as suas vistas aos horisontes dos lucros materiais. Animam-no aspirações de arte, sonhos de rapida conquista de um posto em evidencia. A carreira dramatica, quando exercida com talento e com dignidade, deve considerar-se tão nobre e tão benemerita como as que mais o são...

A outra estreia sensacional, de que se falou ultimamente, é a de Tomaz Ribeiro Colaço. A exemplo de escritores francezes dos mais reputados, o moço poeta interessantissima figura da sua geração, projecta interpretar um dos papeis da peça que escreveu para a companhia de sua prima a joven mas já tão notavel comedianta Amelia Rey Colaço. Depois tenciona não representar mais. E se acaso se revelar como um promettedor artista de scena aquele que ninguém contesta ser um elegante cultor das letras, um homem de espirito e, na sociedade, um perfeito *gentleman*? Tomaz Ribeiro Colaço não hesitará um instante: o advogado, por muito propicio que se lhe entremoste o futuro, cederá o passo ao actor... A critica, contudo, incumbe dizer-lhe a inteira e absoluta verdade. De resto, o bom senso de Tomaz Ribeiro Colaço ha-de dominar sobre todas as illusões e atravez de todas as lisonjas. Ele já exerceu a critica teatral com escrupulosa e brilhante minucia. Porque não ha de ser um auto-critico seguro, independente e inflexivel?

A. de A.



Seara Alheia

—E não passou ainda de coronel?...
—Não. Mas, se não tivesse sido a guerra, já era general...

(De «Le Rire».)



—Não me corte, muito, o cabelo... Apenas aparalo...
—Já percebi. O que o senhor deseja é que eu faça barulho com a tesoura e nada mais...

(De «Punch».)



—Poderia V. Ex.ª ceder-me cinco minutos de atenção?...
—A vinte por cento, não tenho nenhum inconveniente nisso...

(De «La Voz».)



—Não tomas banho, hoje, Maruchu?
—Não... Está tão pouca gente, que não vale a pena!

(De «Buen Humor».)



—Não sabes a grande novidade? O Dupanchols vai casar a filha!
—E quem é o feliz mortal?
—... O Dupanchols... Que pergunta!...

(De «Le Petit Parisien».)



—Ela, na verdade, tem o que quer que seja de Vênus antiga!
—Tem. A idade...

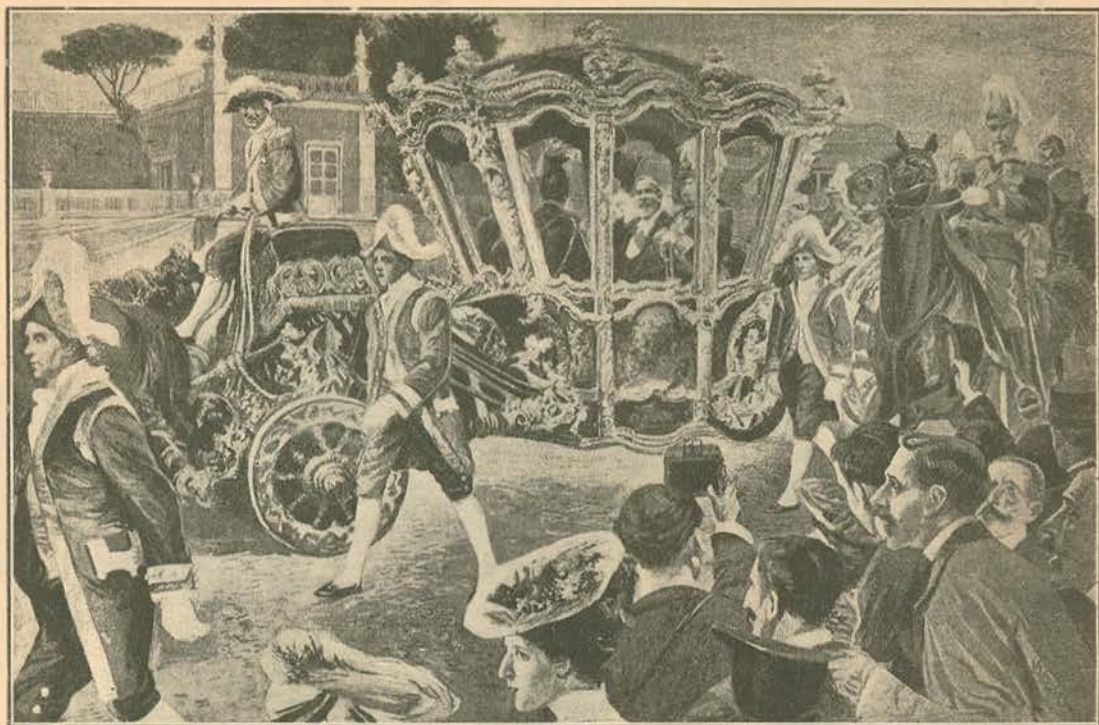
(De «Le Journal Amusant».)



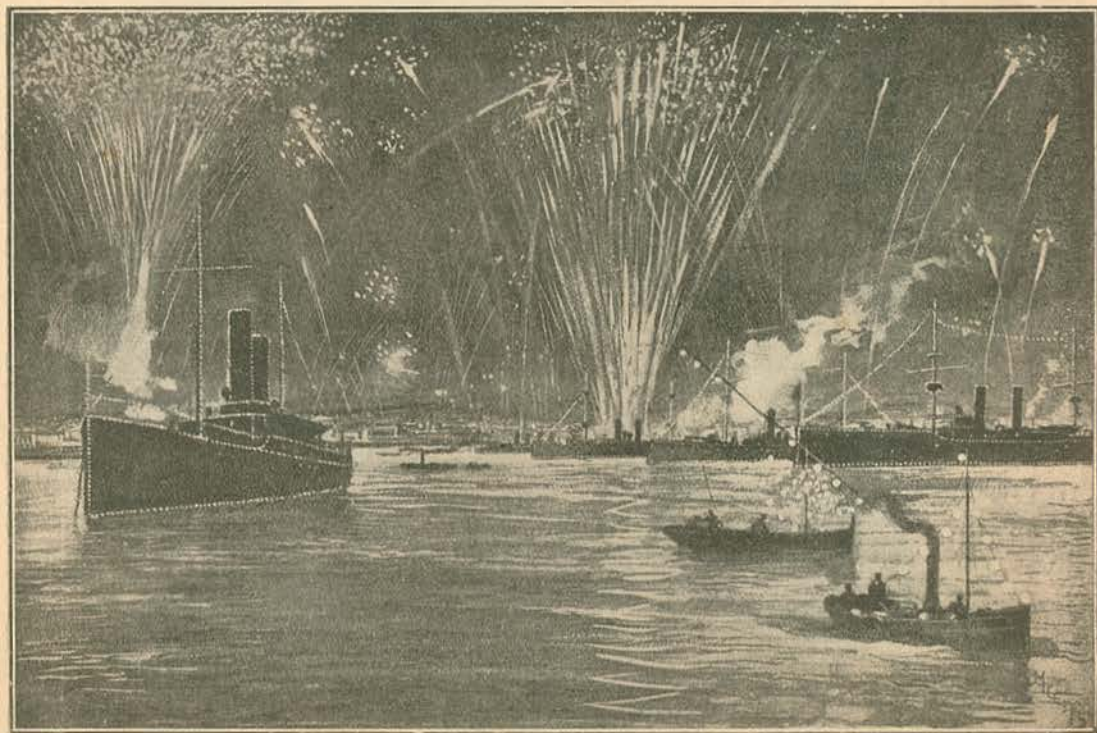
KIA — Por amor de Deus, senhor banheiro, não perca de vista meu marido porque, como vê, ele é muito imprudente!

(De «London Opinion».)

Ha Muitos Anos...



A chegada ao palacio de Belem, onde esteve alojado durante a sua estada em Lisboa, do presidente da Republica Franceza Mr. Emile Loubet, no dia 27 d'Outubro de 1905



As illuminações e o fogo d'artificio em Cascaes, em honra do mesmo Chefe de Estado, em 28 d'Outubro

(Ilustração Portuguesa n.º 104 e 105 (1.ª serie)).

Página Elegante



CHAPEUS! Palavra magica em que a imaginação feminina se prende enlevada! E como não seria assim, se do efeito produzido por um chapéu depende o exito da mais bela *toilette*? E este ano as coleções que foram preparadas em intenção da *coquetterie* feminina são de molde a contentar as maiores exigências. Como são simples, graciosos, e artisticos os chapéus este ano, apenas ornamentados com mil fantasias obtidas com disposições originaes de fitas, de plumas desfrizadas ou *cirées*, ou de *poufs* de coque.





AQUI SE DIRA
DOS LIVROS
CUJOS AUTO-
RES, ENVIAN-
DO-OS A BI-
BLIOTECA DA
ILUSTRAÇÃO
PORTUGUESA,
MANIFESTEM
O DESEJO DE
SER FALADOS



ONDE SE CONVERSARA' COM OS
LEITORES A PROPOSITO DE TU-
DO E O MAIS QUE OCORRER.

FAMILIAS FAIALENSES, por Marcelino Lima

Por intermedio da Empreza Literaria Fluminense, da rua dos Retrozeiros, recebemos o importante trabalho *Familias faialenses*, do sr. Marcelino Lima, que



Marcelino Lima

subintitula a sua obra «subsídios para a historia da Ilha do Faial». Trata-se de um volume de mais de setecentas paginas, com numerosas illustrações, e em que o seu erudito autor juntou curiosissimos elementos e dados genealogicos sobre muitas familias insulares cujos apellidos são hoje illustres na historia da nossa terra. O sr. Marcelino Lima reuniu inumeras informações e datas ácerca de Arriagas, Ataides, Balieiros, Berquós, Betencourts, Bom-Dias, Bruns, Bulhões, Cunhas, Currys, Farias, Garcias, Godinhos, Gutterres, Labats, Leites, Linhares, Mendonças, Oliveiras, Paes, Peixotos, Pereiras, Pérras, Ribeiros, Silveiras, Soares, Sosas, Streets, Terras, Utras, Whytons, etc.

Quem se ocupar de assuntos historicos, literarios, politicos e, nomeadamente, genealogicos, consultará com proveito o importante trabalho do sr. Marcelino Lima, que fica, por ele, sendo credor da admiração e do reconhecimento dos seus conterraneos. Num extenso prefacio o distinto genealogista dá conta das razões que o levaram a elaborar esta documentada obra, digna da paciência e do esforço de um beneditino. Como se vê, ainda não acabaram—e felicitamo-nos por isso—os que cultivam com amor estudos subsidiarios da historia e que demandam dotes que hoje rareiam, como sendo a tenacidade, o escrupulo, a imparcialidade, o criterio para avaliar das minimas notas, etc. O sr. Marcelino Lima, fazendo o nobiliario das familias illustres do Faial, entremecou-o de episodios e anedotas muito illustrativos e saborosos, não escasseando tambem algumas observações scientificas.

VARIAS OBRAS de André Brun

André Brun, humorista em prosa e em verso, comediografo, cronista, de um inesgotavel espirito e duma fecundidade rara, trouxe a lume *A vida dum rapaz gordo*, *Sumario de varias historias* e *Historial em verso*, tres edições da casa Guimarães & C.^a, da rua do Mundo. *A vida dum rapaz gordo* é uma encantadora peça em tres actos, escrita para Chaby Pinheiro

V. R. F. (Porto).—As suas quadras estão metricamente certas, mas são muito banaes. E, depois

Do labio teu brando alento
Se vem perfumar o vento

Nosso prazer alva fria

etc., além de confuso, é dissonante. Portanto, para principiante, não está bem. Deixamos aos consagrados a faculdade de escreverem... sem que a gente os entenda.

AFONSO.—Não é quem julga mas cá lhe endereçaremos os seus amáveis cumprimentos. Enquanto ao Incerteza, é facto que não está... certo.
Por exemplo:

Se tu soubesses, Amor, o meu sofrer

não ha maneira de deixar de ter 11 sílabas, quando todo o restante soneto tem apenas 10. Além de que lhe falta o ritmo. Depois

Nos dias em que julgo receber
o palpitir das tuas cartas leves

por amor de Deus! Cartas que palpitam e palpitam que se recebe... Pelo correio? O que vale é que, sendo as cartas leves, só pagardo um porte...

O Abelhas é preferível, mas, ainda assim, contém um «po doce» e uma «boca linda» que ficam tão mal onde estão!
Em resumo: aproveitam-se os cumprimentos. Muito agradecidos.

e por ele representada em Lisboa e no Rio com indiscutível agrado, comedia em que ha, ao mesmo tempo, aquela graça tão caracteristica de Brun e as doses de ternura e de satira, habilmente graduadas, que completam o interesse da comedia. No *Sumario de varia historia* reuniu André Brun, seleccionando—as das muitas centenas de cronicas que tem escrito, um bom punhado delas que agrupou sob os seguintes titulos de serie: *A menina dos meus olhos* (sua adoravel filha Aninhas), *Factos e momentos*, *Homens de letras e aves de pena e Alfaiadas*. Como cronista, Brun é leve, oportuno, gracioso, ironico, sentimental, flagrante. As *Historias em verso*, com desenhos de Francisco Valença, são monologos e fabulas em que o humorismo não exclui o conceito. A *tragedia do Min-telo*, *O Vicente e o Raposo*, *O elefante e a filha do boticario* demonstram uma das mais scintilantes facetas do talento de André Brun que, na ultima das referidas poesias, faz prodigiosos exercicios de rima.

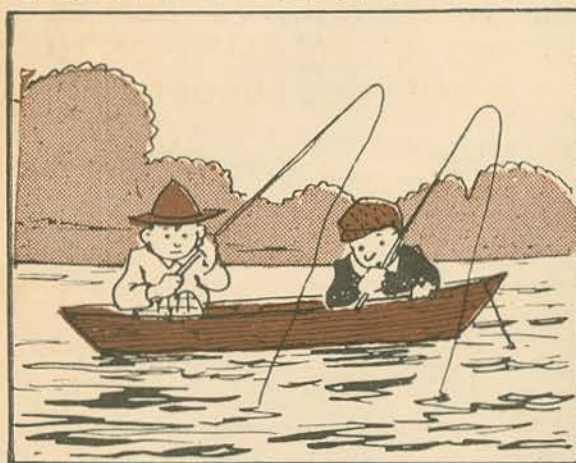


André Brun

A. de A.



VENTO E VENTURA POUCO DURA





ESFINGIA



Decifrações das produções publicadas no numero transacto:

Enigmas: Satellite—Bernardino.
Charada em verso: Marcolino.
Charadas em frase: Serpente—Batina—Cano.
Logogrifo: Simples silhueta.

ENIGMAS

(A Santo-Mon e ao Catita)

O vosso enigma telhado
E tambem o do colchão,
Foram causa, os dois, d'est'outro,
Com mui facil soluçao.

Por seis letras é formado
E com certas variantes,
Tendo apenas tres vogaes,
E as outras são consoantes.

Da primeira até á quarta,
E todas postas a oito,
Dão coisa que, sendo muitas,
Pode formar o conceito.

Quinta e sexta é musical;
Quarta e prima, um elemento,
A terceira mais a ultima,
O mais pequeno fragmento...

Terceira, segunda e quarta,
Na igreja está patente;
Terça, quarta, quinta e quarta,
Comido por toda a gente...

D'aqui não avanco mais,
Nem vos quero mais maçar,
D'este enigma o seu conceito,
Em casa o podéis achar.

Porto

Dr. Essejê

(Ao sr. José Maria Moita, apaixonado
decifrador dos enigmas da «Ilus-
tração Portuguesa»)

Faço cigarros, tecidos,
Botas, queijos e jornaes,
Cerveja, papel, vestidos,
Tudo isto é muito mais.

Sete letras. Por sinal
Tres são vogaes, quatro não:
Segunda, prima e final
Esposa do meu patrão.

E nas cinco derradeiras
Cinco pintas tu verás!
Quinta, prima, sem cancelas
Setima, sexta, acharás
Um d'Arabia fugirão
Que de mandar tem condão.

Se á primeira a quinta juntares,
Com sexta e segunda, então,
Talvez encontres filão
Para te locupletares.

Dá trabalho a muita gente;
E agora, se te calha,
Trabalha, se diligente!
Se diligente, trabalha!

Madeira

Alexandrino

Tem meu todo quatro letras
Todas elas desiguais
Sendo duas consoantes
E as restantes vogais.

Apesar de ser pequena
A palavra em que m'ensalço,
E' tão forte o meu dominio
Que ninguém me deita abaixo.

Tenho tão grande poder
Qu'até as forças armadas
Perante mim se peritlam
Em continências rasgadas!

Sem ter templos—eu sou deusa
Sem ter palacios—rainha!
As feias torno formosas,
Dou graça a quem a não tinha!

Toda a gente me Corteja
Tudo quer ser meu vassalo!
Das velhas faço gaiteras...
Faço partidas d'estalo!...

Aros

CHARADA EM VERSO

(A' minha boa amiga e brilhante co-
boradora enigmista da Esfingia,
«Tia Aldina»)

Sabe quem eu vi há dias,
Em casa da Josefina?
Foi a Maria de Lourdes,
Com apartes de ovarina...—1.

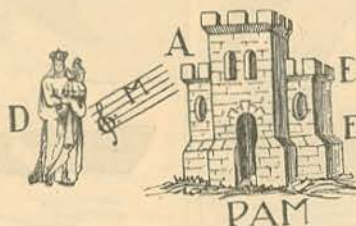
Eu sabia do seu porte,
Mas o que não calculava,
E' que a sua traquinise,
Fosse além do que eu julgava...—1.

Sem respeito por quem estava,
Mostrou pouca educação;
De todos ela zombava...—2,
De tudo fez manguação.

Tem agora um namorado,
(Ora veja a Tia Aldina)
Um garotinho empregado,
N'esta fabrica e officina...

Dama Oculta

ENIGMA PITORESCO



QUADRO DE HONRA

Um cavalheiro respeitavel —
Sant'ana — Pam — Pereira &
Fonseca — Zé Teardu — Dama
Oculta — Gira-Girão — Lucia Li-
ma — Valente Pacheco — Neves
Felo — Dr. Pirlilau — Marco Li-
no — N. N. — C. Sillet — Sargento
cronico — Alves Pinto — Do 16
— Cupido — Um portuense — V.
Salgado — Tia Aldina — A. Mar-
tins — Violeta — Lenol — Dr. Es-
sejê — Serrot — Gli Vaz — Pinta
scenas — Dó sustenido — Enlla
— J. Rodrigues.

Campeões decifradores do pe-
nultimo numero

CHARADAS EM FRASE

(A' Ex.^{ma} S.^a D. Maria Martins Pereira,
pelo seu dia 19 do corrente)

Porque motivo não sustêm V. Ex.^a os
proventos das minhas saudações?—2—1.

C. Sillet.

Este instrumento, com dificuldade, se
transforma n'um tecido—1—1.

Mesão Frio

Zé Marau.

(A's distintas colegas «Violeta» e «Lu-
cia Lima»)

Procurei com atividade o sabão Ita-
liano—1—1.

Evora

Enlla

Não sou dotado de sorte. O meu pesar
é tão notado!—2—1.

S. Mamede

Pintabrantes

LOGOGRIFO

(Retribuição a «Gloria de Barcelos» e
«Saralva da Apulia»)

Cá'estou a garatujar,
Bem contra a minha vontade;
P'ra d'algum modo pagar,
A vossa amabilidade.

Viviam nossos avós
No meio d'um Campanario, —3—7—5—13

Depois d'uma dor atroz, —13—4—1—10—

Houve um feito temerario. —2—12—13—4

—9—3—4

Noblesse oblige; cá'estou em scena,
Para cumprir a doce obrigação,
De citado por vós p'ra esta arena,
N'ela mostrar a minha gratidão.

Juca de Barcelos

Indicações uteis

No proximo sabado sairão publicadas
na Illustração Portuguesa as decifrações
das produções inseridas neste numero.

—Toda a correspondencia relativa a
esta secção deve ser enviada ao Sé-
culo e endereçada a José Pedro do
Carmo.

—Ao director d'esta secção assiste o
direito de não publicar produções que
julgue imperfeitas.

—Só é conferido o Quadro de Honra
a quem envie todas as decifrações exa-
tas, que deverão ser entregues até cinco
dias após a saída d'este numero, ás 10
horas na succursal do Rocío.

—Todas as produções devem vir escri-
tas em separado e os enigmas pitores-
cos bem desenhados em papel liso e tin-
ta da China.

—Os originaes, quer sejam ou não pu-
blicados, não se restituem.